

George Peter Holford

A Destruição de Jerusalém

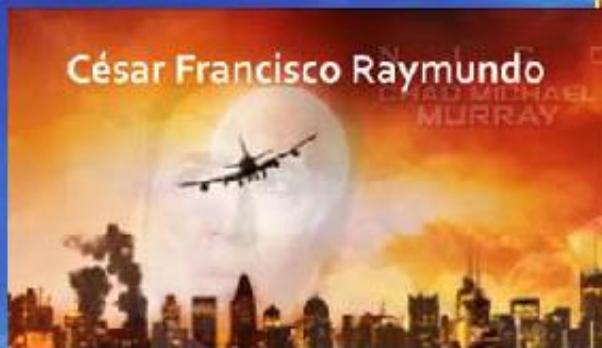
Uma prova absoluta e irresistível
da origem do Cristianismo.

— Revista Cristã —
Última Chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

with MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A Destruição de Jerusalém

Uma prova absoluta e irresistível
da origem do Cristianismo.

George Peter Holford

Tradução
Mateus Fonseca

Revisão
João Paulo Soares Silva

Revista Cristã
Última Chamada

- Agosto de 2020 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Destruição de Jerusalém

*Uma prova absoluta e irresistível
da origem do Cristianismo.*

Autor: George Peter Holford
Livro escrito em 1805.

Fonte: <https://www.bible.ca/pre-destruction70AD-george-holford-1805AD.htm>

Tradução: Mateus Fonseca

Revisão: João Paulo Soares Silva

Revista Cristã Última Chamada

- Agosto de 2020 –

Capa: César Francisco Raymundo.

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Agosto de 2020
Londrina - Paraná

Índice

Prefácio 08

A Destruição de Jerusalém 10

Lucas 21:11: “Guerras e rumores de guerras” 17

“E grandes terremotos ocorrerão em diversos lugares” 20

Nosso Senhor previu “fomes” 21

Nosso Senhor prosseguiu: “E terríveis visões e grandes sinais virão do céu” 23

Nosso Senhor continua: “E sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome” (Mateus 24.9) 28

“E então muitos ficarão ofendidos e trairão uns aos outros” (Mateus 24.10) 29

“E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (isto é, da dispensação judaica)” (Mateus 24.14) 30

Conclusão 53

Obras importantes para pesquisa... 57

Eu considero absolutamente irresistível a profecia relativa à destruição da nação judaica como se nada mais houvesse para apoiar o Cristianismo.¹

¹ Discurso do Sr. Erskine no Julgamento de Williams pela publicação de Age of Reason, de Paine.

Prefácio²

A história registra poucos eventos de maior interesse geral do que a destruição de Jerusalém e a subversão do estado judeu pelas armas dos romanos. — A conexão íntima dos judeus com a dissolução da economia levítica e o estabelecimento do Cristianismo no mundo; a chocante verificação que oferecem de tantas profecias, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e os poderosos argumentos da autoridade divina das Escrituras que daí derivam; as solenes advertências e admoestações que dirigem a todas as nações, mas especialmente àquelas favorecidas com a luz e as bênçãos da Revelação; junto com a grandeza impressionante e terrível dos próprios eventos - são circunstâncias que sempre asseguram ao leitor das páginas seguintes mais do que graus normais de interesse e importância. Muitos homens eminentes e eruditos empregaram suas penas para ilustrá-las; mas os frutos de seu trabalho estão, em sua maior parte, contidos em obras grandes e caras, fora do alcance de muitos, para quem a discussão pode ser igualmente interessante e aprimoradora. Para seu uso e gratificação, o presente tratado, de uma forma mais acessível e familiar, é timidamente oferecido ao público. Para que possa ser mais bem adaptado ao leitor em geral, questionamentos críticos e detalhes tediosos são igualmente evitados. Mas, o escritor cuidou de não omitir nenhum fato ou argumento importante que, em sua opinião, elucidasse o assunto. Apoiado pelo exemplo de muitos nomes respeitáveis, ele se aventurou a apresentar os extraordinários prodígios, que, segundo Josefo, precederam a destruição da Cidade Santa. Ele também acrescentou algumas frases em sua defesa, mas não expressou sua admissão irrestrita de sua autenticidade.

Mediante a assinatura do tratado, geralmente, o público determinará. A utilidade é o objetivo principal do escritor; e se uma leitura dela contribuir, sob a benção divina, para confirmar a fé vacilante de apenas um cristão ou para abalar a vã confiança de um único descrente, seu trabalho será abundantemente recompensado.

G.H.

LONDON,

1st. month, 1805.

A Destruição de Jerusalém

A bondade de Deus marca todos os seus procedimentos. Tem Lhe agradado não só comunicar à humanidade uma revelação, que, para a mente piedosa, traz em sua textura interna sua própria evidência e recomendação, mas também acompanhá-la com tais provas externas de uma origem sagrada, como parecem calculadas para atingir, com irresistível convicção, mesmo aqueles que estão menos dispostos a admitir a verdade das Sagradas Escrituras. Para evidenciar sua autenticidade divina, Deus fez tudo o que o homem poderia ter exigido.² Pois, supondo que foi referido que a humanidade prescreveu para sua própria satisfação, e de sua prosperidade, as credenciais que Seus mensageiros deveriam trazer consigo, a fim de autenticar a divindade de sua missão, poderiam os mais sábios e céticos entre os homens propor, para este fim, qualquer coisa mais conclusiva do que:

1. Demonstrações de poder, superando todos os efeitos possíveis da habilidade e esforço humanos; e
2. Inteligência relativa aos eventos e circunstâncias futuras de nações e indivíduos, que nenhuma sagacidade humana jamais fingiria prever?

Se tais fossem as evidências exigidas, que acréscimo a elas poderia ter sido sugerido? Está na mente humana imaginar quaisquer testes de

² Esta afirmação é suficiente para o propósito do escritor. O fato, porém, é que o Todo-Poderoso, neste aspecto, como em qualquer outro, fez pelo homem “muito mais do que “ele” pode pedir ou pensar”. O esquema daquela evidência que demonstra a autoridade divina da Bíblia só poderia ter sido construído por Aquele “que conhece todas as coisas” e que vê o fim desde o princípio.

autoridade divina mais bem adaptados, mais cedo ou mais tarde, para expor os artifícios e frustrar os projetos de um impostor? Em vão a política mais profunda tentará descobrir os meios mais adequados para este propósito e, com respeito à recepção da própria revelação, mais perfeitamente adequados para banir todas as dúvidas razoáveis, por um lado, e invalidar a acusação de credulidade no de outros. Ora, essas, precisamente, são as credenciais com as quais agradou a Deus sancionar o testemunho de seus mensageiros inspirados, conforme registrado nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Eles fizeram milagres e previram eventos futuros. Assim, tudo o que o próprio homem poderia exigir foi dado, e os objetores não têm desculpa.

Jesus Cristo, o principal desses mensageiros, como seus tipos ilustres e predecessores (p.ex., Moisés e Elias), proclamou e atestou sua missão divina ao mesmo tempo por atos milagrosos e por declarações proféticas. Seus milagres foram numerosos, diversificados e realizados em várias partes de seu país natal; não eram truques frívolos, calculados apenas para despertar admiração e gratificar a curiosidade, mas atos de substancial utilidade e benevolência. Eles eram públicos, mas não de forma ostensiva, exibicionista. Na presença não apenas de amigos, mas também de inimigos. Os inimigos ficavam exasperados com maldade contra Ele, porque censurou seus vícios e expôs suas hipocrisias. Eles atuaram por todo motivo que um espírito de vingança pudesse sugerir a um preconceito incurável, para induzi-los a detectar a imposição de seus milagres, se falso, e para negar e desacreditá-los, se verdadeiro. Eles se esforçaram para afundá-Lo em descrédito. Eles atribuíram os milagres ao arbítrio de Satanás; assim representando-o, “que foi um mentiroso desde o início”, mas contribuíram ainda mais para a difusão da verdade – “o espírito que opera nos filhos da desobediência” foi como um promotor da causa da santidade como cooperando na derrubada de seu próprio reino, pois Ele “se manifestou para destruir as obras do Diabo”.

As profecias de nosso Senhor, assim como seus milagres, foram muitas e de grande variedade. Não foram entregues com pompa e desfile, mas surgiram fora das ocasiões e parecem ter resultado, na maior parte, de sua solicitude afetuosa por aqueles que então eram, ou poderiam vir a se tornar, seus discípulos. Enquanto o cumprimento de algumas dessas predições se limitou ao prazo de Sua missão e aos limites de Seu país, o cumprimento de outras se estendeu a todas as nações e a todas as eras futuras do mundo.

Das profecias que já foram cumpridas, poucas, talvez, são tão interessantes em si mesmas, ou tão marcantes em seu cumprimento, como aquelas que se relacionam com a destruição de Jerusalém e seu Templo, e as calamidades marcantes que ocorreram em todos os lugares da nação judaica. As principais previsões de nosso Senhor, relativas a esses eventos, estão contidas em Mateus 24, Marcos 13, Lucas 19:41-44, 23:27-30 e 21. Podemos com confiança apelar aos fatos que os verificam como provas conclusivas e incontestáveis da divindade de Sua missão.

No segundo dia da semana, imediatamente anterior à Sua crucificação, nosso bendito Salvador fez Sua entrada pública e triunfal em Jerusalém, em meio às aclamações de uma grande multidão de Seus discípulos, que o saudaram REI DE SIÃO, e com ramos de palmeira, os emblemas da vitória, em suas mãos, alegraram-se e deram louvores a DEUS por todas as obras poderosas que tinham visto, cantando: “Hosana! bendito seja o REI que vem em nome do Senhor! Paz nos céus e glória nas alturas!” Mas, enquanto o povo exultava e felicitava triunfantemente o MESSIAS, Ele lutando com as mais profundas emoções de piedade e compaixão por Jerusalém, contemplou a cidade e chorou por ela, dizendo: “Se tu soubesses, tu mesmo, pelo menos neste teu dia, as coisas que pertencem à tua paz! Mas, agora, elas estão escondidas de teus olhos; porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te cercarão, e te manterão por dentro; 'E te derrubarás, e teus filhos dentro de ti, e eles não deixarão em ti pedra sobre pedra; porque não conhecestes o tempo da tua

visitação”.³ Quatro dias depois, faltando apenas dois dias para sua morte, Ele foi pela última vez ao templo para ensinar o povo: enquanto estava assim empregado, os sumos sacerdotes e os anciãos, os herodianos, os saduceus e os fariseus, sucessivamente, vinham a Ele e O questionavam sutilmente, desejosos de “enredá-lo em Sua conversa”; a quem, com Sua costumeira dignidade e sabedoria, Ele retornou respostas que carregavam convicção em seus corações, e ao mesmo tempo silenciou e espantou eles. Então, voltando-se para Seus discípulos e toda a multidão, dirigiu-lhes um discurso de energia muito incomum, no qual, com a mais requintada acuidade de reprovação, Ele expôs e condenou a crueldade e o orgulho, a hipocrisia e a sensualidade dos “fariseus e escribas” da então geração existente, adicionando aquela apóstrofe inimitavelmente tenra e patética a esta cidade devotada: “Ó Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu teria reunido teus filhos juntos, assim como uma galinha ajunta seus pintinhos sob as asas, e vós não quisestes! Eis vossa CASA ficará deserta; porque vos digo que de agora em diante não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!”⁴ Tendo dito isso, Ele saiu do templo e, ao partir, Seus discípulos chamaram sua atenção para a magnitude e esplendor do edifício. Eles falaram: “Como era adornado com belas pedras e presentes”; e disseram-Lhe: “Mestre Veja! que tipo de pedras e edifícios existem aqui! E, Jesus disse-lhes: Não vedes todas estas coisas? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada”. Quando consideramos a antiguidade e santidade do templo, sua estupenda estrutura, sua solidez e a incomum magnitude das pedras de que foi composto, podemos, em certa medida, conceber o espanto que esta declaração de nosso Senhor deve ter suscitado na mente de seus discípulos. No entanto, esta notável predição (como veremos a seguir) foi literalmente cumprida, e, como nosso Senhor havia predito, seria durante a existência da geração à qual Ele se dirigiu.

³ Lucas 19.42-44.

⁴ Mateus 23.37-39.

Nosso Senhor retirou-se agora para o Monte das Oliveiras, para onde os discípulos O seguiram, a fim de fazer perguntas mais específicas sobre o tempo em que os eventos calamitosos por Ele preditos aconteceriam. O Monte das Oliveiras comandava uma visão completa de Jerusalém e do templo. Nenhuma situação, portanto, poderia ter sido melhor adaptada para dar energia a uma previsão que se relacionava principalmente com sua total ruína e demolição. Supomos (e a suposição é altamente provável) que nosso Senhor, enquanto no ato de falar, apontou para os edifícios majestosos e estupendos, cuja destruição Ele predisse, cada palavra que proferiu deve ter sido revestida de sublimidade inexprimível, e deriva das circunstâncias da paisagem circundante, uma força e um efeito que não é possível conceber adequadamente.

“Diga-nos, quando serão essas coisas? e qual será o sinal de quando todas essas coisas se cumprirem?” Tais foram as perguntas dos discípulos, em resposta às quais nosso Senhor condescendeu em dar-lhes um relato particular dos vários eventos importantes que viriam antes, bem como do prognósticos que anunciariam as desolações que se aproximam; incluindo orientações adequadas para a regulamentação de sua conduta sob as várias provações a que deveriam ser expostos. Ele começa com uma advertência: “Prestem atenção”, “que ninguém vos engane; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos”. A necessidade deste aviso amigável logo apareceu; pois dentro de um ano após a ascensão de nosso Senhor, levantou-se Dositeu, o Samaritano, que teve a ousadia de afirmar que ele era o Messias, de quem Moisés profetizou; enquanto seu discípulo Simão Magus iludiu multidões na crença de que ele próprio era o “Grande Poder de Deus”. Cerca de três anos depois, outro impostor samaritano apareceu e declarou que mostraria ao povo os utensílios sagrados, que teriam sido depositados por Moisés, no monte Gerizim. Induzido pela ideia de que o Messias, seu grande libertador, havia chegado, uma multidão armada reuniram-se sob seu comando, mas Pilatos os derrotou rapidamente e matou seu chefe. Enquanto Cuspius

Fadus era procurador na Judeia, surgiu outro enganador, cujo nome era Teudas.⁵ Este homem realmente conseguiu persuadir uma grande multidão a pegar seus pertences e segui-lo até o Jordão, garantindo-lhes que o rio se dividiria sob seu comando. Fadus, entretanto, perseguiu-os com uma tropa de cavalos e matou muitos deles, e, entre os outros, o próprio impostor, cuja cabeça foi decepada e transportada para Jerusalém. Sob o governo de Félix, enganadores se levantaram diariamente na Judeia e persuadiram o povo a segui-los para o deserto, assegurando-lhes que deveriam ver sinais e maravilhas realizadas pelo Todo-Poderoso. Destes, Félix, de vez em quando, prendia muitos e os matava. Sobre este período (55 d.C.), surgiu o célebre impostor egípcio, que reuniu trinta mil seguidores e os persuadiu a acompanhá-lo ao Monte das Oliveiras, dizendo-lhes que dali deveriam ver as muralhas de Jerusalém caírem em seu comando, como um prelúdio para a captura da guarnição romana, e para a obtenção da soberania da cidade. O governador romano, no entanto, apreendeu este no início da revolta, imediatamente os atacou, matou quatrocentos deles e dispersou o resto; mas o egípcio escapou. Na época de Porcius Festus (60 d.C.), outro distinto impostor seduziu o povo, prometendo-lhes a libertação do jugo romano, se eles o seguissem no deserto; mas Festus enviou uma força armada que rapidamente destruiu o enganador e seus seguidores. Em suma, os impostores, a uma comissão divina, contínua e fatalmente enganaram o povo, e imediatamente justificaram a cautela e cumpriram a predição de nosso Senhor.

Se for objetado que nenhum desses impostores, exceto Dositheu, assumiu o nome de Messias, respondemos, que as expectativas humilhantes dos judeus eram dirigidas a um Messias que deveria meramente libertá-los do jugo romano e “restaurar o reino para Jerusalém”; e tais eram as pretensões desses enganadores. Essa expectativa, de fato, é a única solução verdadeira para essas estranhas e reputadas insurreições; o que naturalmente lembrará o leitor das seguintes expressões proféticas de nosso Senhor: “Eu vim em nome

⁵ Este não é o Theudas mencionado em Atos 5.36.

de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis”. “Se eles vos disserem: “Eis que ele está no deserto!” não vão em frente. Eles vão mostrar (ou fingir mostrar) grandes sinais e maravilhas”.⁶ Nosso Salvador assim procedeu: “E ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede que não sejais perturbados: porque todas estas coisas devem acontecer, mas o fim ainda não é, porque nação se levantará contra nação e reino contra reino, e grandes terremotos ocorrerão em vários lugares, e fomes e pestes: tudo isso é o começo das dores” (Mateus 24:7-8).

⁶ A palavra original significa que, na linguagem das Escrituras, há uma distinção clara entre dá um sinal e ser o próprio sinal. É suficientemente provado por Deuteronômio 13.1-2.

Lucas 21:11: “Guerras e rumores de guerras”.

Essas comoções, como trovões distantes, que pressagiam a tempestade que se aproxima, foram tão frequentes, desde a morte de nosso Senhor até a destruição de Jerusalém, que todo aquele intervalo poderia, com propriedade, apelar para a ilustração desta profecia. Cento e cinquenta das copiosas páginas de Josefo, que contêm a história deste período, estão em todos os lugares manchadas de sangue. Para particularizar em alguns casos: Cerca de três anos após a morte de Cristo, eclodiu uma guerra entre Herodes e Aretas, rei da Arábia Petraea, na qual o exército do primeiro foi eliminado. Este era um reino se levantando contra reino. As guerras são geralmente precedidas de rumores. Pode, portanto, parecer absurdo tentar uma elucidação distinta desta parte da profecia; no entanto, não se deve omitir que, nessa época, o imperador Calígula, tendo ordenado que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, e os judeus tendo insistido em recusá-la, toda a nação ficou muito alarmada, pela mera apreensão de guerra, que negligenciaram até mesmo o cultivo de suas terras! A tempestade, entretanto, passou.

Sobre este período, um grande número de judeus, por causa de uma pestilência que assolou a Babilônia, mudou-se daquela cidade para Selêucia, onde os gregos e sírios se levantaram contra eles, e destruíram deste povo devoto mais de cinco miríades! “A extensão desta matança (diz Josefo) não teve paralelo em nenhum período anterior de sua história”. Novamente, cerca de cinco anos depois deste massacre terrível, aconteceu uma disputa severa entre os judeus na Pereia e os Filadélfia, respeitando os limites de uma cidade chamada Mia, na qual muitos dos primeiros foram mortos. Esta era uma nação se levantando

contra outra. Quatro anos depois, sob Cumano, indignidade foi oferecida aos judeus dentro do recinto do templo, por um soldado romano, do qual eles se ressentiram violentamente; mas, com a aproximação dos romanos com grande força, o terror foi tão excessivo, e tão desordenado e precipitado em sua fuga, que não menos de dez mil judeus foram pisoteados até a morte nas ruas. Isso, novamente, era nação se levantando contra nação. Quatro anos mais não se passaram, antes que os judeus fizessem guerra contra os samaritanos e devastassem seu país. O povo de Samaria havia assassinado um galileu que estava subindo a Jerusalém para celebrar a Páscoa, e os judeus o vingaram. Em Cesaréia, tendo os judeus uma contenda acirrada com os sírios pelo governo da cidade, um apelo foi feito a quem o decretou aos sírios. Este evento lançou as bases de uma disputa mais cruel e sanguinária entre as duas nações. Os judeus, mortificados pelo desapontamento e inflamados pelo ciúme, se levantaram contra os sírios, que os repeliram com sucesso. Somente na cidade de Cesaréia, mais de vinte mil judeus foram mortos.

A chama, no entanto, não foi apagada; espalhou sua fúria destrutiva onde quer que judeus e sírios vivessem juntos no mesmo lugar: por toda cidade e vila, a animosidade mútua e massacre prevaleciam. Em Damasco, Tiro, Ascalon, Gadara e Citópolis, a carnificina foi terrível. Na primeira dessas cidades, dez mil judeus foram mortos em uma hora, e em Citópolis treze mil traiçoeiramente em uma noite. Em Alexandria, os judeus, ofendidos pela opressão dos romanos, se levantaram contra eles; mas os romanos, ganhando ascendência, mataram daquela nação cinquenta mil pessoas, não poupando crianças nem idosos. E depois disso, no cerco de Jopata, não menos de quarenta mil judeus pereceram. Enquanto essas disputas destrutivas prevaleciam no Oriente, as partes ocidentais do Império Romano foram dilaceradas pelos ferozes contenciosos: Galba, Otho e Vitélio. Os três imperadores, é notável que todos eles, junto com Nero, seu predecessor imediato, morreram de uma morte violenta, no curto espaço de dezoito meses. Finalmente, toda a nação dos judeus pegou em armas contra os romanos, o rei Agripa, e provocou aquela guerra

terrível que, em poucos anos, inundou a Judeia em sangue, e deixou sua capital em ruínas.

Se for aqui contestado, que, porque as guerras são eventos de ocorrência frequente, seria impróprio referir-se à previsão sobrenatural uma previsão bem-sucedida a respeito delas, responde-se que muito dessa objeção será removida, considerando a incompetência dos próprios estadistas em prever a condição, apenas por alguns anos, da própria nação cujos negócios eles administram. É um fato bem conhecido que o atual ministro da Grã-Bretanha, nas vésperas da última longa e destrutiva guerra com a República Francesa, mostrou a este país uma imagem de quinze anos sucessivos de paz e de fato, os bons pontos dos quais a paz e a guerra dos dez dependem, confundem todos os cálculos dos aspectos presentes; e um boato de guerra, então alto e tão alarmante, que até mesmo suspendeu as operações de lavoura, pode terminar, como acabamos de ver, em nada além de rumores. Mais adiante, consideremos, que as guerras às quais esta parte da profecia de nosso Senhor se refere, deveriam ser de dois tipos, e que o evento correspondeu de acordo; que ocorreram dentro do período para o qual ele os designou; que eles caíram com a mais destrutiva severidade sobre os judeus, aos quais a profecia em geral se relacionava principalmente, e que a pessoa que os previu não estava na condição de um estadista, mas na de filho de um Carpinteiro! Sobre esse assunto falaremos mais em outro lugar.

“E grandes terremotos ocorrerão em diversos lugares”

Destes emblemas significativos de comoções políticas, ocorreram vários no cenário desta profecia e, como nosso SALVADOR previu, em diversos lugares. No reinado de Cláudio houve um em Roma, e outro em Apamea na Síria, onde residiam muitos dos judeus. O terremoto neste último lugar foi tão destrutivo, que o imperador, a fim de aliviar o sofrimento dos habitantes, remeteu seu tributo por cinco anos. Ambos os terremotos são registrados por Tácito. Houve um também, no mesmo reinado em Creta. Isso é mencionado por Filóstrato, em sua “Vida de Apolônio”, que diz que “havia outros em Esmirna, Mileto, Quios e Samos; em todos os lugares que os judeus haviam se estabelecido”. No reinado de Nero, houve um terremoto em Laodicéia. Tácito também registra isso. É igualmente mencionado por Eusébio e Orósio, que acrescentam que Hierópolis e Colose, bem como Laodicéia, foram derrubadas por um terremoto. Houve também um na Campânia neste reinado (deste fato tanto Tácito quanto Sêneca registraram) e outro em Roma no reinado de Galba, registrado por Suetônio; a todos os que podem ser acrescentados aqueles que aconteceram naquela noite terrível quando os idumeus foram excluídos de Jerusalém, pouco tempo antes do cerco começar. “Uma forte tempestade (diz Josefo) estourou sobre eles durante a noite, ventos violentos surgiram, acompanhados das chuvas mais excessivas, com relâmpagos constantes, trovões tremendos, e com rugidos terríveis de terremotos. Parecia (continua ele) como se o sistema do mundo tinha sido confundido pela destruição da humanidade; e pode-se muito bem conjecturar que esses eram sinais de eventos não comuns”.

Nosso Senhor previu “fomes”

Destas, o principal foi o que Ágabo predisse que aconteceria nos dias de Cláudio, conforme relatado nos Atos dos Apóstolos. Começou no quarto ano de seu reinado e teve longa duração. Estendeu-se pela Grécia e até pela Itália, mas foi sentido mais severamente na Judeia e especialmente em Jerusalém, onde muitos morreram por falta de pão. Esta fome é registrada por Josefo também, que relata que “um assaron de milho foi vendido por cinco dracmas”, Também é notado por Eusébio e Orósio. Para aliviar esta terrível calamidade, Helena, rainha de Adiabena, que estava naquela época em Jerusalém, ordenou que grandes suprimentos de grãos fossem enviados de Alexandria; e Izates, seu filho, consignou vastas somas aos governadores de Jerusalém, para serem aplicadas ao alívio dos sofredores mais indigentes. Os convertidos cristãos gentios que residiam em países estrangeiros, também enviaram, por iniciativa de São Paulo, contribuições liberais, para aliviar as aflições de seus irmãos judeus (1ª Coríntios 16:3). Dion Cassius relata que havia fome no primeiro ano de Cláudio, que prevaleceu em Roma, e em outras partes da Itália; e, no décimo primeiro ano do mesmo imperador, houve outra, mencionada por Eusébio. A estas podem ser adicionadas aquelas que afligiram os habitantes de várias das cidades da Galileia e da Judeia, que foram sitiadas e levadas, antes da investida de Jerusalém, onde o clímax da miséria nacional, decorrente desta e de todas as outras causas, foi assim terrivelmente concluída.

Nosso Senhor adiciona “pestilências” da mesma forma. A pestilência segue os passos da fome, pode-se, portanto, razoavelmente presumir, que esse terrível flagelo acompanhou as fomes que acabamos de enumerar. A história, entretanto, distingue particularmente dois

exemplos dessa calamidade, que ocorreu antes do início da guerra judaica. A primeira ocorreu na Babilônia por volta de 40 d.C. e foi tão alarmante que grandes multidões de judeus fugiram daquela cidade para Selêucia em busca de segurança. A outra aconteceu em Roma, em 65 d.C., e levou consigo multidões prodigiosas. Tanto Tácito quanto Suetônio também registram que calamidades semelhantes prevaleceram, durante este período, em várias partes do Império Romano. Depois que Jerusalém foi cercada pelo exército de Tito, doenças pestilenciais logo apareceram ali para agravar as misérias e aprofundar os horrores do cerco. Elas foram ocasionadas em parte pelas imensas multidões que se aglomeravam na cidade, em parte pelos eflúvios pútridos que surgiam dos mortos não enterrados e em parte pela propagação da fome.

Nosso Senhor prosseguiu: “E terríveis visões e grandes sinais virão do céu”⁷

Josefo reuniu o principal desses presságios e apresenta seu relato por meio de uma reflexão sobre a estranheza desses eventos que poderiam induzir seus conterrâneos a dar crédito a impostores e relatos infundados, enquanto eles desconsideravam as admoestações divinas confirmados como ele afirma que foram pelos seguintes sinais extraordinários:

1. “Um meteoro, semelhantemente extraordinário⁸, pairou sobre Jerusalém durante um ano inteiro”. Não podia ser um cometa, pois era estacionário e era visível por doze meses consecutivos. Uma espada também é um emblema mais adequado para a destruição.
2. “No oitavo dia do mês de Zanthicus (antes da festa dos pães ázimos), na hora nona da noite, brilhava ao redor do altar e dos edifícios circunjacentes do templo uma luz igual ao brilho do dia que continuou pelo espaço de meia hora”. Não podia ser efeito de um raio, nem de uma vívida aurora boreal, pois estava confinada a um despojo particular e a luz brilhava ininterruptamente por trinta minutos.
3. “Enquanto o sumo sacerdote conduzia uma novilha ao altar para ser sacrificada, ela deu à luz um cordeiro, no meio do templo”. Tal é o estranho relato do historiador. Alguns podem considerá-lo uma “fábula grega”, enquanto outros podem

⁷ Lucas 21.11.

⁸ 1 Crônicas 21.16.

pensar que discernem neste prodígio uma repreensão milagrosa da infidelidade e impiedade judaica, por rejeitar o Cordeiro ANTITÍPICO, que se ofereceu como expiação, “de uma vez por todas” e que, cumprindo assim completamente seu desígnio, tinha virtualmente revogado os sacrifícios levíticos. Seja como for, as circunstâncias do prodígio são notáveis. Não ocorreu em uma parte obscura da cidade, mas no templo; não em uma hora normal, mas na Páscoa, a temporada da crucificação do nosso Senhor, na presença, não do vulgar apenas, mas dos altos sacerdotes e seus assistentes, e quando eles estavam levando o sacrifício ao altar.

4. “Por volta da hora sexta da noite, o portão oriental do templo foi visto abrir sem ajuda humana”. Quando os guardas informaram o Curador deste acontecimento, este enviou homens para os ajudar a fechá-lo, que com grande dificuldade conseguiram. Este portão, como já foi observado, “era de latão maciço e exigia que vinte homens o fechassem todas as noites”. Não poderia ter sido aberto por uma “forte rajada de vento” ou um ligeiro terremoto; pois Josefo diz que “era seguro por parafusos e barras de ferro, que foram baixados em um grande limiar; consistindo de uma pedra inteira”.⁹
5. “Logo após a festa da Páscoa, em várias partes do país, antes do pôr do sol, carros e homens armados foram vistos no ar, passando ao redor de Jerusalém”. Não poderia este espetáculo portentoso ser ocasionado pelo aurora boreal, pois ocorreu antes do pôr do sol; ou nem apenas a fantasia de alguns aldeões, olhando para o céu, pois foi vista em várias partes do país.
6. “Na subsequente festa de Pentecostes, enquanto os sacerdotes iam, à noite, para o interior do templo para realizar suas

⁹ A conclusão que os judeus tiraram, a partir deste evento, foi que a segurança do templo se foi.

ministrações habituais, eles primeiro sentiram, como disseram, um tremor, acompanhado por um murmúrio indistinto, e depois vozes como de uma multidão, dizendo, de uma maneira distinta e sincera: “DEIXE-NOS PARTIR DAQUI”. Esta gradação lembrará o leitor daquela terrível transação em que, na festa de Pentecostes, instituiu-se principalmente para se comemorar. Primeiro, um tremor foi ouvido; isso induziria naturalmente os sacerdotes a ouvir um murmúrio ininteligível bem-sucedido; isso prenderia mais poderosamente a atenção deles, e enquanto era assim despertado e fixo, eles ouviram, diz Josefo, as vozes como de uma multidão, distintamente pronunciando as palavras: “DEIXE-NOS PARTIR DAQUI”. E, portanto, antes que o período para celebrar esta festa voltasse, a guerra judaica havia começado, e no espaço de três anos depois, Jerusalém foi cercada pelo exército romano, o templo convertido em uma cidadela, e seus tribunais sagrados fluindo com o sangue de vítimas humanas.

7. Como último e mais terrível presságio, Josefo relata que um certo Jesus, o filho de Ananus, um rústico da classe baixa, durante a Festa dos Tabernáculos, repentinamente exclamou no templo: “Uma voz do leste, uma voz do oeste - uma voz dos quatro ventos - uma voz contra Jerusalém e o templo - uma voz contra noivos e noivas - uma voz contra todo o povo!” Essas palavras, ele proclamou incessantemente em voz alta dia e noite, por todas as ruas de Jerusalém, por sete anos e cinco meses, começando em um momento (62 d.C.) quando a cidade estava em um estado de paz e transbordando de prosperidade, e terminando em meio aos horrores do cerco. Este perturbador, tendo despertado a atenção da magistratura, foi levado perante Albinus, o governador romano, que ordenou que ele fosse açoitado. Mas, as mais severas listras não arrancaram dele lágrimas nem súplicas. Como nunca agradeceu aos que o socorreram, também não se queixou da injustiça dos que o golpearam. E, nenhuma outra resposta poderia o governador

obter aos seus interrogatórios, mas sua denúncia usual de “Ai, ai de Jerusalém!” que ele ainda continuou a proclamar pela cidade, mas especialmente durante os festivais, quando suas maneiras se tornaram mais sérias e o tom de sua voz mais alto. Por fim, no início do cerco, ele subiu as muralhas e, com uma voz mais poderosa do que nunca, exclamou: “Ai, ai desta cidade, deste templo e deste povo!” E então, com uma apresentação de sua própria morte, acrescentou: “Ai, ai de mim mesmo”. Ele mal havia pronunciado essas palavras quando uma pedra de uma das máquinas romanas o matou no local.

Tais são os prodígios relatados por Josefo que, exceto o primeiro, encontra-se no ano imediatamente anterior à guerra judaica. Vários deles são registrados também por Tácito. No entanto, deve-se observar que eles são recebidos pelos escritores cristãos com cautela e com vários graus de crédito. Aqueles, entretanto, que são mais céticos, e que os resolvem em causas naturais, permitem que a “superintendência de DEUS desperte seu povo por alguns desses meios”. Qualquer que seja o fato, a este respeito, pode ser, é claro, que eles correspondem à predição de nosso Senhor de “visões terríveis e grandes sinais do céu”; e deve ser considerada uma resposta suficiente para o objeto, que exige se tais aparições são registradas de forma respeitável.

A próxima predição de nosso Senhor relacionava-se com as perseguições de seus discípulos: “Imporão as mãos sobre vocês (disse ele), e os perseguirão, entregando-os nas sinagogas e nas prisões, sendo apresentados a reis e governantes por causa do meu nome” (Lucas 21:12). “E eles vos entregarão aos conselhos, e nas sinagogas sereis espancados” (Marcos 13:9). “Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregarão alguns de vocês à morte” (Lucas 21:16). Na própria infância da igreja cristã, essas crueldades não merecidas e não provocadas começaram a ser infligidas. Nosso Senhor, e seu precursor João Batista, já havia sido submetido a morte; os apóstolos Pedro e João foram presos primeiro, e então, junto com os outros apóstolos, foram açoitados perante o conselho judaico;

Estevão, após pregar a Palavra de Deus no Sinédrio com sua eloquência irresistível, foi apedrejado até a morte; Herodes Agripa “estendeu as mãos para irritar certos da igreja”, decapitou Tiago, o irmão de João, e novamente prendeu Pedro, planejando matá-lo também; São Paulo suplicou perante o conselho Judaico em Jerusalém, e diante de Félix, o governador romano, que tremia na cadeira de juiz, enquanto o intrépido prisioneiro “raciocinava sobre a justiça, a temperança e o julgamento vindouro!” Dois anos depois, ele foi levado perante o tribunal de Festo (que sucedera Félix no governo), estando presente o rei Agripa, o mais jovem, que, enquanto o governador zombava, ingenuamente reconheceu a força da eloquência do Apóstolo, e, meio convencido, exclamou: “Quase me persuades a ser um cristão”.

Por último, ele implorou perante o imperador Nero em Roma; ele também foi levado com Silas perante os governantes de Filipos, onde ambos foram açoitados e presos. Paulo foi igualmente preso dois anos na Judeia, e depois duas vezes em Roma, cada uma pelo espaço de dois anos. Ele “foi açoitado pelos judeus cinco vezes, três vezes espancado com varas e foi apedrejado; ele mesmo, antes de sua conversão, era um instrumento de cumprimento das predições”. São Lucas relata que “ele destruiu a igreja, entrando em todas as casas, e odiando homens e mulheres, os condenou à prisão; quando foram condenados à morte, ele deu sua voz contra eles; puniu-os frequentemente em todas as sinagogas e perseguiu-os até mesmo em cidades estranhas e com isso concordam suas próprias declarações (Atos 26:10-11; Gálatas 1:23). Por fim, cerca de dois anos antes da guerra judaica, a primeira perseguição geral começou por instigação do imperador Nero, “que”, diz Tácito, “infligiu os cristãos com castigos extremamente dolorosos”; multidões sofreram um cruel martírio, em meio a zombarias e insultos, e entre os outros os veneráveis apóstolos São Pedro e São Paulo.

Nosso Senhor continua:
“E sereis odiados de todas as nações
por causa do meu nome”
(Mateus 24.9)

O ódio do qual as perseguições acima citadas surgiram, não foi provocado por parte dos cristãos por uma resistência contumaz à autoridade estabelecida, ou por quaisquer violações da lei, mas foi a consequência inevitável deles sustentarem o nome e imitarem o personagem de “seu MESTRE”. “Foi uma guerra”, diz Tertuliano, “ser cristão já era crime suficiente”. E, no mesmo sentido é aquela expressão de Plínio em sua carta a Trajano: “Eu perguntei se eles eram cristãos; se eles confessassem, eu perguntei a eles uma segunda e terceira vez, ameaçando-os com punição, e aos que perseverassem, ordenei que fossem conduzidos à morte”. É acrescentado: “De todas as nações”. Qualquer animosidade ou dissensão que pudesse subsistir entre os gentios e os judeus em todo lugar, desaparecia, pois os romanos estavam sempre prontos para se unir e cooperar na perseguição dos humildes seguidores dEle, que vieram a ser uma LUZ para os primeiros e a GLÓRIA dos segundos.

“E então muitos ficarão ofendidos
e trairão uns aos outros”
(Mateus 24.10)

Sobre este fato, o seguinte testemunho decisivo de Tácito pode ser suficiente. Falando das perseguições aos cristãos sob Nero, às quais acabamos de aludir, ele acrescenta: “vários foram apreendidos ao confessar, e, pela descoberta de uma grande multidão de outros, foram condenados e executados barbaramente”.

“E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (isto é, da dispensação judaica)”
(Mateus 24.14)¹⁰

O cumprimento desta predição pode ser encontrado nas Epístolas de São Paulo, dirigida aos cristãos de Roma, Corinto, Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos, Tessalônica; e os de Pedro aos que residiam em Ponto, Capadócia e Bitínia, antes da destruição de Jerusalém pois nenhum desses apóstolos estava vivo quando a guerra judaica começou. São Paulo, em sua Epístola aos Romanos, informa-os que “a fé foi falada em todo o mundo”; e nisso, aos Colossenses, ele observa que o “Evangelho foi pregado a toda criatura debaixo do céu”. Clemente, que era colaborador do apóstolo, relata a respeito dele que “ele ensinou a justiça a todo o mundo, viajando do leste para o oeste até as fronteiras do oceano”. Eusébio diz que “os Apóstolos pregaram o Evangelho em todo o mundo, e que alguns deles passaram além dos limites do oceano, e visitaram as ilhas Britânicas”.

Além disso, “parece”, diz o Bispo Newton, “pelos escritores da história da igreja, que antes da destruição de Jerusalém, o Evangelho não foi apenas pregado na Ásia Menor, Grécia e Itália, os grandes teatros atuantes no mundo, mas foi igualmente propagado como fax para o norte como Cítia, tanto para o sul como a Etiópia, tanto para o leste como Pártia e Índia, até o oeste como Espanha e Grã-Bretanha”. E, Tácito afirma que “a religião cristã, que surgiu na Judeia, se espalhou

¹⁰ Admite-se que a frase “a todo o mundo”, “toda criatura”, etc. são hiperbólicos, mas então, tomados em sua conexão, eles evidentemente descrevem a universalidade da pregação e difusão do Evangelho, antes da destruição de Jerusalém, que é o ponto a ser provado.

por muitas partes do mundo, e se estendeu até a própria Roma, onde os professores dela, já no tempo de Nero, somavam uma vasta multidão”, de tal forma que seus números despertavam a inveja do governo.

Cumpriu-se assim completamente uma predição contrária a toda conclusão que pudesse ser fundada na probabilidade moral, e à qual se opunha incessantemente todo tipo de impedimento. O suposto filho de um carpinteiro instrui alguns pescadores simples sobre umas “boas novas” desprovidas de incentivos mundanos, mas cheia de abnegação, sacrifícios e sofrimentos, e os informa que em cerca de quarenta anos ela deveria se espalhar por todo o mundo. Ela se espalha de acordo, e, em desafio ao fanatismo exasperado dos judeus, e de toda autoridade, poder e oposição ativa dos gentios, é estabelecida, dentro desse período, em todos os países em que penetra. Alguém pode duvidar que a predição e seu cumprimento foram igualmente divinos?

Tal é, resumidamente, o relato que a história dá dos vários eventos e sinais, que nosso Senhor havia predito que precederiam a destruição da Cidade Santa. Em pouco tempo suas previsões estavam se realizando, e mais do que uma paixão inexplicável se apoderou de toda a nação judaica; de modo que eles não apenas provocaram, mas pareciam até precipitar-se no meio daquelas calamidades sem paralelo, que por fim os oprimiram totalmente. Em um ensaio desse tipo, é impossível entrar em detalhes minuciosos sobre a origem e o progresso desses males; mas os detalhes que ilustram o cumprimento da parte restante da profecia e justificam a linguagem forte em que ela é expressa, devem ser apresentados ao leitor.

Desde a conquista de seu país por Pompeu, por volta de 60 a.C., os judeus haviam, em várias ocasiões, manifestado um espírito refratário; mas depois que Judas, o gaulonita, e Sadduc, o fariseu, pregaram que a submissão às avaliações romanas abriria o caminho para um estado de escravidão abjeta, esse temperamento se manifestou com crescente malignidade e violência. Tumultos e insurreições rebeldes tornaram-se

comuns e tornaram-se mais frequentes e alarmantes; e para eles as exações mercenárias de Floro, o governador romano, não contribuíram nem um pouco. Por fim, Eleazar, filho do Sumo Sacerdote, persuadiu aqueles que oficiavam no templo a rejeitar os sacrifícios de estrangeiros e não mais a oferecer orações por eles. Assim, um insulto foi lançado a César, seu sacrifício rejeitado e a fundação da guerra romana foi estabelecida. Os distúrbios entre os judeus continuava, Céstio Galo, presidente da Síria, marchou com um exército para a Judeia, a fim de sufocá-los, e sua carreira foi marcada por sangue e desolação em todos os lugares. Enquanto ele prosseguia, ele saqueou e queimou a bela cidade de Zebulom, Jope, e todas as aldeias que estavam em seu caminho. Em Jope ele matou oito mil e quatrocentos habitantes. Ele devastou o distrito de Narbatene e, enviando um exército para a Galileia, matou dois mil judeus rebeldes. Ele, então, queimou a cidade de Lida; e depois de ter repellido os judeus, que fizeram uma investida desesperada contra ele, acamparam, por fim, a uma distância de cerca de uma milha de Jerusalém. No quarto dia, entraram em seu portão e queimaram três divisões da cidade, e por fim, sua captura, pôs fim à guerra; mas por meio das persuasões traiçoeiras de seus oficiais, ele inexplicavelmente levantou o cerco e fugiu da cidade com a maior precipitação. Os judeus, no entanto, perseguiram-no até Antipatris e, com pouca perda para eles, mataram seu exército de quase seis mil homens. Depois que esse desastre se abateu sobre Céstio, o mais opulento dos judeus (diz Josefo) abandonou Jerusalém como os homens fazem com um navio que afunda. E, é com razão que se supõe que nesta ocasião muitos dos cristãos, ou judeus convertidos, que ali residiam, lembrando-se das advertências ou de seu divino Mestre, retiraram-se para Pella, um lugar além do Jordão, situado em um país montanhoso¹¹, para onde (de acordo com Eusébio, que residia perto do local) eles vieram de Jerusalém e se estabeleceram, antes que a guerra (sob Vespasiano) começasse. Outras oportunidades providenciais para escapar depois ocorreram, das quais, é provável,

¹¹ Tal foi a admoestação de nosso Senhor... “Os que estão na Judeia fujam para as montanhas” (Mt 16.22).

aqueles que ficaram para trás se aproveitaram; pois é um ato notável, e tal que não pode ser contemplado pela mente piedosa sem sentimentos de devota admiração, que a história não registra que mesmo um CRISTÃO pereceu no cerco de Jerusalém. Perseverando até o fim, fiéis ao seu bendito MESTRE, eles deram crédito às suas previsões e escaparam da calamidade. Assim foram cumpridas as palavras de nosso Senhor, conforme Mateus 24:13: “Aquele que perseverar até o fim (isto é, da cena desta profecia) será salvo”.

Nero, tendo sido informado da derrota de Céstio, imediatamente nomeou Vespasiano, um homem de valor provado, para iniciar a guerra contra os judeus, que, auxiliado por seu filho Tito, logo se reuniram em Ptolemais um exército de sessenta mil homens. A partir daí, na primavera de 67 d.C. marchou para a Judeia, espalhando a mais cruel destruição por todos os lados; os soldados romanos, em várias ocasiões, não pouparam crianças nem idosos. Durante quinze meses Vespasiano prosseguiu nesta carreira sanguinária, período durante o qual reduziu todas as cidades fortes da Galileia e a principal das da Judeia, destruindo pelo menos cento e cinquenta mil habitantes. Entre as terríveis calamidades que nessa época aconteceram aos judeus, as que se abateram sobre eles em Jope, que havia sido reconstruída, merecem atenção especial. Suas frequentes piratarias provocaram a ira de Vespasiano. Os judeus fugiram antes deles alcançarem seus navios; mas uma tempestade imediatamente se levantou e perseguiu os que estavam no mar e os ultrapassou, enquanto os demais foram lançados navio contra navio e contra as rochas, da maneira mais tremenda. Nessa perplexidade, muitos foram afogados, alguns foram esmagados pelos navios quebrados, outros se mataram e os que alcançaram a costa foram mortos pelos impiedosos romanos. O mar por um longo espaço estava manchado de sangue; quatro mil e duzentos cadáveres foram espalhados ao longo da costa e, é terrível de relatar, nenhum indivíduo sobreviveu para relatar essa grande calamidade em Jerusalém. Tais eventos foram preditos por nosso Senhor, quando disse: “Haverá angústia das nações em perplexidade; o mar e as ondas rugem” (Lucas 21:25).

Vespasiano, depois de prosseguir até Jericó, voltou a Cesareia, a fim de se preparar para seu grande atentado contra Jerusalém. Enquanto estava assim empregado, recebeu informações sobre a morte de Nero; então, não sabendo qual seria a vontade do futuro imperador, ele prudentemente resolveu suspender, por enquanto, a execução de seu projeto. Assim, o Todo-Poderoso deu aos judeus uma segunda trégua, que continuou por quase dois anos; mas eles não se arrependeram de seus crimes, nem foram em nenhum grau graciosos, mas sim procederam em atos de enormidade ainda pior. A chama da dissensão civil explodiu novamente e com fúria mais terrível. No coração de Jerusalém, duas facções, disputando a soberania, lutaram uma contra a outra com animosidade rancorosa e destrutiva. Uma divisão de uma dessas facções tendo sido excluída da cidade, entrou à força durante a noite. Ansiosos por sangue e inflamados pela vingança, eles não pouparam idade, sexo ou infância; e, pela manhã, foram vistos oito mil e quinhentos cadáveres nas ruas da cidade sagrada. Eles saquearam todas as casas e, tendo encontrado os principais sacerdotes Ananus e Jesus, não apenas os mataram, mas, insultando seus corpos, os expulsaram sem sepultura. Eles massacraram as pessoas comuns tão insensivelmente como se fossem um rebanho das bestas mais vis. Os nobres, eles primeiro aprisionaram, depois açoitaram, e quando não puderam por esses meios anexá-los ao seu partido, concederam a morte a eles como um favor. Das classes mais altas, doze mil morreram dessa maneira; nem ninguém se atreveu a derramar uma lágrima ou gemer, abertamente, por medo de um destino semelhante. A morte, de fato, era a pena das acusações mais leves e pesadas, e ninguém escapou pela mesquinhez de seu nascimento ou pobreza. Aqueles que fugiram foram interceptados e mortos.

Enquanto Jerusalém era presa dessas facções ferozes e devoradoras, todas as partes da Judeia foram açoitadas e devastadas por bandos de ladrões e assassinos, que saquearam as cidades; e, em caso de resistência, matava os habitantes, não poupando mulheres nem crianças. Simão, filho de Gioras, comandante de uma desses bandos, à

frente de quarenta mil bandidos, tendo entrado com alguma dificuldade em Jerusalém, deu à luz uma terceira facção, e a chama da discórdia civil acendeu-se novamente, com ainda mais destruição e fúria. As três facções, tornadas frenéticas pela embriaguez, raiva e desespero, pisoteando uns montes de mortos, lutaram entre si com selvageria brutal e loucura. Mesmo aqueles que trouxeram sacrifícios ao templo foram assassinados. Os cadáveres de sacerdotes e fiéis, tanto nativos quanto estrangeiros, foram amontoados, e um lago de sangue estagnou nas cortes sagradas. João de Gischala, que chefiava uma das facções, queimou depósitos cheios de provisões; e Simão, seu grande antagonista, que chefiava outro deles, logo depois seguiu seu exemplo. Assim, eles cortaram os próprios tendões de sua própria força. Somado a essa conjuntura crítica e alarmante, chegou a notícia de que um exército romano estava se aproximando da cidade. Os judeus ficaram petrificados de espanto e medo; não havia tempo para conselho, nenhuma esperança de pacificação, nenhum meio de fuga. Tudo era desordem selvageria e perplexidade. Nada se ouvia senão “o barulho confuso dos guerreiros”. Nada se via a não ser “roupas sujas de sangue”. Nada a ser esperado dos romanos, a não ser um sinal e vingança exemplar. Um grito incessante de combatentes foi ouvido dia e noite, no entanto, as lamentações dos enlutados eram ainda mais terríveis. A consternação e terror que agora prevaleciam induziram muitos habitantes a desejar que um inimigo estrangeiro viesse e efetuasse sua libertação. Tal era a terrível condição do lugar quando Tito e seu exército se apresentaram e acamparam diante de Jerusalém; mas, infelizmente não para livrá-lo de suas misérias, mas para cumprir a predição e justificar a benevolente advertência de nosso Senhor: “Quando vós vedes (disse ele aos Seus discípulos) a abominação da desolação, falada pelo profeta Daniel, de pé no lugar santo¹², e Jerusalém rodeada por exércitos (ou acampamentos). Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que estiverem dentro da

¹² Não era apenas o templo e a montanha em que ele se erguia considerados sagrados, mas também toda a cidade de Jerusalém e vários estádios de terra ao redor dela (Neemias 11; Isaías 53; Daniel 9.24; Mateus 27.53).

cidade, saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela” (Mateus 24:15,21; Lucas 21:20-21).

Estes exércitos, nós não hesitamos em afirmar que foram os romanos, que agora investiam a cidade. Desde o tempo do cativo babilônico, a idolatria foi considerada uma abominação pelos judeus. Essa aversão nacional se manifestou até mesmo contra as imagens de seus deuses e imperadores, que os exércitos romanos carregavam em seus estandartes; de modo que, em tempos de paz, Pilatos e depois Vitélio, a pedido de alguns judeus eminentes, por conta disso evitaram marchar suas forças pela Judeia. Da disposição desoladora que agora governava o exército romano, a história da guerra judaica, e especialmente da demolição final da cidade santa, apresenta um exemplo terrível e notável. Jerusalém não foi meramente capturada, mas, com seu célebre templo, ficou em ruínas. Para que, no entanto, o exército de Tito não fosse apenas designado por esta expressão, nosso Senhor acrescenta: “Onde estiver a carcaça, aí estarão as águias reunidas” (Mateus 24:28). O estado judeu, de fato, neste tempo, foi apropriadamente comparado a uma carcaça. O cetro de Judá, isto é, sua autoridade civil e política, a sua religião, e a glória de seu templo se foi. Estava, em suma, moral e judicialmente morta. A águia, cujo instinto dominante é rapinar e assassinar, adequadamente representava o temperamento feroz e sanguinário dos romanos e, talvez, pudesse ser intencional para se referir também à figura principal em suas insígnias, que, embora detestáveis para os judeus, foram finalmente plantadas no meio da cidade sagrada e, finalmente, no próprio templo.

O dia em que Tito cercou Jerusalém era a festa da Páscoa; e é merecedor da atenção muito particular do leitor que este foi o aniversário daquele período memorável em que os judeus crucificaram seu Messias! Nesta época, multidões subiram de toda a região circundante e de partes distantes para celebrar o festival. Quão adequada e gentil, então, foi a admoestação profética de nosso Senhor, e quão claramente Ele se dirigiu ao futuro quando disse: “e os que estiverem nos campos não entrem nela (na cidade)” (Lucas 21:21).

Não obstante, a cidade estava nesta época apinhada de estrangeiros judeus, e estrangeiros de todas as partes, de modo que toda a nação pode ser considerada como tendo sido encarcerada em uma prisão, preparatória para a execução da vingança divina; e, de acordo com Josefo, este evento ocorreu repentinamente; assim, não apenas cumprindo as predições de nosso Senhor, que essas calamidades viriam, como o relâmpago veloz “que vem do oriente e se ilumina até o ocidente” e “como uma armadilha para todos eles (os judeus) que habitam sobre a face de toda a terra (de Israel)” (Mateus 24:27; Lucas 21:35), mas justificando, também, sua direção amigável, que aqueles que fugiram deveriam usar a maior expedição possível.

Com o aparecimento do exército romano, os judeus facciosos se uniram e, correndo furiosamente para fora da cidade, repeliram a décima legião, mas com dificuldade. Esse evento causou uma breve suspensão das hostilidades e, ao abrir os portões, deu oportunidade aos que estavam dispostos a escapar; que antes disso eles não poderiam ter tentado sem interrupção, desde a suspeita de que desejavam se revoltar aos romanos. Esse sucesso inspirou confiança aos judeus, e eles resolveram defender sua cidade ao máximo; mas não impediu a renovação de seus grilhões civis. A facção sob Eleazar tendo se dispersado e se organizado sob os outros dois líderes João e Simão, seguiu-se uma cena da mais terrível contenda, pilhagem e conflagração: o espaço central da cidade sendo queimado e os miseráveis habitantes eram como prêmio das partes em conflito. Os romanos finalmente obtiveram a posse de duas das três muralhas que defendiam a cidade, e o medo mais uma vez uniu as facções. Essa pausa, porém, mal havia começado quando a fome fez seu terrível aparecimento no exército judeu. Já fazia algum tempo que se aproximava silenciosamente, e muitos dos pacíficos e pobres já haviam morrido por falta de suprimentos. Com esta nova calamidade, estranha de relatar, a loucura das facções voltou novamente, e a cidade apresentou um novo quadro de “miséria”. Impelidos pela fome, arrancaram a vida uns dos outros, e muitos devoraram os grãos ainda despreparados. Torturas foram

infligidas para a descoberta de um punhado de comida; mulheres forçavam por comida a seus maridos, e filhos a seus pais, e até mães de seus bebês, enquanto as crianças de peito definhavam em seus braços, não hesitavam em tirar as gotas vitais que os sustentavam! Assim, com justiça, nosso Senhor pronunciou uma desgraça sobre “as que amamentavam naqueles dias” (Mateus 24:19).

Este terrível flagelo finalmente levou multidões de judeus para fora da cidade, para o campo do inimigo, onde os romanos os crucificaram em tal número que, como relata Josefo, faltava espaço para as cruzes, e cruzes para os cativos; e tendo sido descoberto que alguns deles haviam engolido ouro, os árabes e sírios, que foram incorporados ao exército romano, impelidos pela avareza, com crueldade sem precedentes rasgaram dois mil desertores em uma noite; Tito, tocado por essas calamidades, implorou pessoalmente aos judeus que se rendessem, mas eles responderam com injúrias. Exasperado por sua obstinação e insolência, ele agora resolveu cercar a cidade por uma circunvalação (uma trincheira de 39 estádios em circuito e reforçada com 13 torres) que com espantosa atividade foi efetuada pelos soldados em três dias. Assim foi cumprida outra das predições de nosso Senhor, pois ele havia dito, ao se dirigir a esta cidade dedicada: “Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados” (Lucas 19.43). Como nenhum suprimento podia agora entrar pelas paredes, a fome se estendeu rapidamente e, aumentando o horror, devorou famílias inteiras. Os topos das casas e os recessos da cidade estavam cobertos com carcaças de mulheres, crianças e homens idosos. Os jovens apareceram como espectros nos recantos públicos e caíram sem vida nas ruas. Os mortos eram numerosos demais para serem enterrados, e muitos expiraram no desempenho deste ofício. A calamidade pública foi grande demais para lamentação. Silêncio e, por assim dizer, uma noite negra e mortal, espalhou-se pela cidade. Mas, mesmo tal cena não poderia assustar os ladrões; eles abriam os túmulos e despojavam os mortos de suas roupas de sepultura, com uma risada insensível e selvagem. Eles passavam o gume de suas espadas em suas

carcaças, e mesmo em algumas que ainda respiravam; enquanto Simon Goras escolheu este período melancólico e terrível para manifestar a profunda Malignidade e crueldade de sua natureza na execução do Sumo Sacerdote Matias, e seus três filhos, a quem ele fez com que fossem condenados como favores aos Romanos. O pai, em consideração por ter aberto os portões da cidade para Simão, implorou que ele pudesse ser executado antes de seus filhos; mas o insensível tirano deu ordens para que ele fosse despachado em último lugar, e em seus momentos de expiração perguntou-lhe insultuosamente se os romanos poderiam, então, substituí-lo.

Enquanto a cidade estava nesta situação sombria, um judeu chamado Mannaeus fugiu para Tito, e o informou, desde o início do cerco até o 7º mês. Em seguida, cento e quinze mil oitocentos e oitenta cadáveres foram carregados por apenas um portão, que ele havia guardado. Este homem tinha sido nomeado para pagar o subsídio público para transportar os corpos para fora, e, portanto, foi obrigado a registrá-los. Logo depois, vários indivíduos respeitáveis desertaram para os romanos e asseguraram a Tito que o número total de pobres que haviam sido expulsos pelos diferentes portões não era inferior a seiscentos mil. O relato dessas calamidades despertou piedade nos romanos e de uma maneira particular afetou Tito, que, enquanto examinava o imenso número de cadáveres empilhados, ergueu as mãos para o céu e, apelando ao Todo-Poderoso, protestou solenemente que não havia sido a causa dessas calamidades deploráveis; que, de fato, os judeus, por sua inigualável rebelião perversa e obstinação, derrubaram sobre suas próprias cabeças.

Depois disso, Josefo, em nome de Tito, exortou sinceramente João e seus adeptos a se renderem; mas o rebelde insolente não retornou nada além de censuras e imprecções, declarando sua firme persuasão de que Jerusalém, como era a cidade de DEUS, nunca poderia ser tomada: cumprindo assim literalmente a declaração de Miquéias, de que os judeus, em sua extremidade, não obstante seus crimes, presunçosamente “se apoiaria no SENHOR e diria: Não está o

SENHOR entre nós? nenhum mal pode sobrevir sobre nós” (Miquéias 3.11).

Enquanto isso, os horrores da fome se tornaram ainda mais melancólicos e aflitivos. Os judeus, por causa da falta de comida, foram finalmente compelidos a comer seus cintos, suas sandálias, as peles de seus escudos, grama seca e até mesmo excrementos de bois. Nas profundezas ou nesta extremidade horrível, uma judia de família nobre incitada pelos desejos intoleráveis da fome, matou seu filho pequeno e o preparou para refeição; e tinha realmente comido metade dele, quando os soldados, atraídos pelo cheiro de comida, a ameaçaram de morte instantânea se ela se recusasse a dizer onde estava. Intimidada por esta ameaça, ela imediatamente revelou onde estava os restos mortais de seu filho, que os petrificou de horror. Ao recitar esta ocorrência melancólica e comovente, toda a cidade ficou horrorizada, e derramaram suas felicitações àqueles que a morte os poupou de tais cenas de partir o coração. Na verdade, a humanidade ao mesmo tempo estremece e adoce com a narração, nem pode qualquer pessoa com a menor sensibilidade refletir sobre a condição lamentável a que a parte feminina dos habitantes de Jerusalém sofreram neste momento, sem experimentar as mais ternas emoções de simpatia, ou abster-se de lágrimas enquanto ele lê o discurso de nosso Salvador às mulheres que “lamentaram” quando ele foi levado ao Calvário, onde Ele evidentemente se refere a essas mesmas calamidades: “Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmas e pelos vossos filhos; porque eis que vêm os dias em que dirão: “Bem-aventuradas as estéreis e os ventres que nunca deram à luz e os seios que nunca amamentaram” (Lucas 23:29).

O fato melancólico acima também foi literalmente predito por Moisés: “E quanto à mulher mais mimosa e delicada no meio de ti, que de mimo e delicadeza nunca tentou pôr a planta de seu pé sobre a terra, será maligno o seu olho contra o homem de seu regaço, e contra seu filho, e contra sua filha; e isto por causa de suas páreas, que saírem dentre os seus pés, e para com os seus filhos que tiver, porque os

comerá às escondidas pela falta de tudo, no cerco e no aperto, com que o teu inimigo te apertará nas tuas portas” (Deuteronômio 28:56-57). Esta previsão foi parcialmente cumprida, quando Samaria, a capital das tribos revoltadas, foi sitiada por Ben-Hadade; e depois em Jerusalém, antes de sua captura por Nabucodonosor; mas sua realização exata e literal em relação a uma senhora de posição, delicada e voluptuosamente educada, foi reservada para o período de que estamos falando. E, merece consideração particular, como uma circunstância que aumenta muito a importância desta profecia, de que a história do mundo não registra que um exemplo paralelo de barbárie não natural tenha ocorrido durante o cerco de qualquer outro lugar, em qualquer outra época ou nação. De fato, o próprio Josefo declara que, se não houvesse muitas testemunhas creíveis do fato, ele não o teria registrado, “porque”, como ele observa, “uma violação tão chocante nunca foi perpetuada por nenhum grego ou bárbaro”, a inserção disso poderia ter diminuído a credibilidade de sua história.

Enquanto a fome continuava a espalhar sua fúria destrutiva pela cidade, os romanos, depois de muitas tentativas ineficazes, finalmente conseguiram demolir parte da muralha interna, possuíram a grande torre de Antônia e avançaram em direção ao Templo, e Tito, em um conselho de guerra havia determinado preservar [o templo] como um ornamento para o império e como um monumento de seu sucesso; mas o Todo-Poderoso havia determinado o contrário; pois agora, na revolução das eras, chegou aquele dia fatal, enfaticamente chamado de “um dia de vingança” (Lucas 21:21), no qual o Templo havia sido anteriormente destruído pelo rei da Babilônia. Um soldado romano, impelido, como ele declarou, por um impulso divino, independentemente da ordem de Tito, subiu nos ombros de outro e jogou uma marca em chamas na janela dourada do Templo, que instantaneamente incendiou o prédio. Os judeus, ansiosos acima de tudo por salvar aquele edifício sagrado, no qual confiavam supersticiosamente, com um clamor terrível, precipitaram-se para apagar as chamas. Tito também, apressou-se para o local em sua carruagem, acompanhado por seus principais oficiais e legiões; mas em

vão ele acenou com a mão e ergueu a voz, ordenando aos seus soldados que apagassem o fogo; tão grande foi o alvoroço e confusão, que nenhuma atenção foi dada mesmo a ele. Os romanos, deliberadamente surdos em vez de extinguir as chamas, espalharam-nas cada vez mais. Movidos pelos impulsos mais violentos de rancor e vingança contra os judeus, eles avançaram furiosamente sobre eles, matando alguns com a espada, pisoteando outros sob seus pés ou esmagando-os até a morte contra as paredes. Muitos, caindo entre as ruínas fumegantes das varandas e galerias, foram sufocados. Os pobres desarmados, e até mesmo os doentes, eram massacrados sem misericórdia. Dessas pessoas infelizes, muitos foram deixados banhados em seu sangue. Multidões de mortos e moribundos amontoavam-se ao redor do altar, para o qual haviam fugido em busca de proteção, enquanto os degraus que conduziam ao átrio externo foram literalmente inundados com sangue.

Achando impossível conter a impetuosidade e crueldade de seus soldados, o comandante chefe procedeu, com alguns de seus oficiais superiores, a fazer um levantamento das partes do edifício que ainda não foram alcançadas pelo incêndio. Não tinha, neste momento, alcançado o templo interno, que Tito entrou e viu em silenciosa admiração. Impressionado com a magnificência de sua arquitetura e a beleza de suas decorações, que até superou o relato de fama a respeito deles; e percebendo que o santuário ainda não havia pegado fogo, ele redobrou seus esforços para impedir o avanço das chamas. Ele condescendeu até mesmo em suplicar aos seus soldados que exercessem todas as suas forças e atividades para este propósito, e designou um centurião dos guardas para puni-los se eles novamente o desconsiderassem: mas tudo foi em vão. A fúria delirante dos soldados não conhecia limites. Ansiosos por saques e massacres, eles igualmente desprezavam as solicitações e ameaças de seu General. Mesmo enquanto ele estava assim empenhado na preservação do santuário, um dos soldados estava realmente empenhado em atear fogo às ombreiras das portas, o que fez com que o incêndio se generalizasse. Tito e seus oficiais foram agora obrigados a se retirar, e ninguém permaneceu para

conter a fúria dos soldados ou as chamas. Os romanos, exasperados ao extremo contra os judeus, agarraram todas as pessoas que puderam encontrar e, sem a menor preocupação com sexo, idade ou qualidade, primeiro saquearam e depois os mataram. Os velhos e os jovens, as pessoas comuns e os sacerdotes, os que se renderam e os que resistiram, estiveram igualmente envolvidos nesta carnificina horrível e indiscriminada. Enquanto isso, o Templo continuou queimando, até que por fim, vasto como era seu tamanho, as chamas envolveram completamente o edifício inteiro; o que, pela extensão da conflagração, impressionou o espectador distante com a ideia de que a cidade inteira estava agora em chamas. O tumulto e a desordem que se seguiram a este evento, é impossível (diz Josefo) para a linguagem descrever. As legiões romanas deram os gritos mais horríveis; os rebeldes, encontrando-se expostos à fúria do fogo e da espada, gritaram terrivelmente; enquanto as pessoas infelizes que se encontravam encerradas entre o inimigo e as chamas, deploravam a sua situação nas mais lamentáveis queixas. Os que estavam na colina e os da cidade pareciam retribuir mutuamente os gemidos um do outro. Os que estavam morrendo de fome, foram revividos por esta cena horrível e pareciam adquirir novos espíritos para deplorar seus infortúnios. As lamentações da cidade ressoaram nas montanhas adjacentes e em lugares além do Jordão. As chamas que envolveram o Templo eram tão violentas e impetuosas, que a colina elevada, no qual se erguia parecia, mesmo diante de suas profundas fundações, como um grande corpo de fogo. O sangue dos sofredores fluía em proporção a raiva desse elemento destrutivo; e o número do mortos excedeu qualquer possibilidade de cálculo. O chão não podia ser visto por causa dos cadáveres, sobre os quais os romanos pisotearam em busca dos fugitivos; enquanto o ruído crepitante das chamas devoradoras se misturavam ao clamor das armas, os gemidos dos moribundos e os gritos de desespero aumentavam o tremendo horror de uma cena, à qual as páginas da história não podem fornecer paralelo.

Entre os acontecimentos trágicos que ocorreram nesta época, o seguinte é mais particularmente digno de nota: um falso profeta,

fingindo uma comissão divina, afirmou que, se o povo se dirigisse ao Templo, eles deveriam ver sinais de sua rápida libertação. Assim, cerca de seis mil pessoas, principalmente mulheres e crianças, reunidas em uma galeria, que ainda estava de pé, do lado de fora do edifício. Enquanto esperavam ansiosamente pelo milagre prometido, os romanos com a mais desenfreada barbárie, atearam fogo à galeria; da qual, multidões, frenéticos por sua situação horrível, precipitaram-se nas ruínas abaixo e foram mortos pela queda; enquanto, horrível de relatar, o resto, sem uma única exceção, pereceu nas chamas. Tão necessária foi a segunda premonição de nosso Senhor de não dar crédito aos “falsos profetas”, que fingiriam “apresentar grandes sinais e maravilhas”. Neste último cuidado, como demonstra a conexão da profecia, Ele evidentemente se refere ao período do cerco, mas no primeiro Ele se refere ao intervalo imediatamente anterior à guerra judaica (Mateus 24:5,23-26).

O Templo agora apresentava pouco mais do que um monte de ruínas; e o exército romano, em triunfo sobre o evento, veio e ergueu suas insígnias sobre um fragmento do portão oriental e, com sacrifícios de ação de graças, proclamou majestade imperial a Tito, com todas as demonstrações de alegria possíveis.

Assim terminou a glória e a existência deste edifício sagrado e venerável, que por seu tamanho estupendo, sua solidez maciça e força surpreendente, parecia formado para resistir às mais violentas operações da força humana e permanecer, como as pirâmides, em meio aos choques de idades sucessivas, até a dissolução final do globo.¹³

¹³ Desde sua primeira fundação pelo rei Salomão, até sua destruição, foram mil e trinta anos, sete meses e quinze dias; e de sua reedição por Ageu, até o mesmo período, seiscentos e trinta e nove anos e quarenta e cinco dias. Já foi sugerido que, por uma coincidência muito singular, foi agora reduzido a cinzas no mesmo mês e no mesmo dia do mês em que havia sido anteriormente queimado pelos babilônios. Essas duas eras são distinguidas também por outra coincidência extraordinária, que Josefo, em um de seus discursos aos judeus, apontou para eles como um dos sinais que pressagiaram a destruição de sua cidade.

Durante cinco dias após a destruição do Templo, os sacerdotes que haviam escapado sentaram-se, morrendo de fome, no topo de uma de suas paredes quebradas; por fim, eles desceram e humildemente pediram o perdão de Tito, que, no entanto, se recusou a conceder-lhes, dizendo que, “como o Templo, pelo qual ele os teria poupado, foi destruído, seus sacerdotes deveriam ser destruídos também”. Então, ele ordenou que fossem condenados à morte.

Os líderes das facções, agora pressionados por todos os lados, imploraram uma conferência com Tito, que se ofereceu para poupar suas vidas, desde que deponham as armas. Essa condição razoável, entretanto, eles se recusaram a cumprir; e após isso Tito, exasperado por sua obstinação, resolveu que dali em diante não concederia perdão aos insurgentes, e ordenou que uma proclamação fosse feita para esse efeito. Os romanos agora tinham plena licença para devastar e destruir. Na manhã seguinte, eles incendiaram o castelo, o cartório, a câmara do conselho e o palácio da rainha Helena; e então se espalharam por toda a cidade, massacrando onde quer que fossem, e queimando os corpos que estavam espalhados por todas as ruas e no chão de quase todas as casas. No palácio real, onde tesouros imensos foram depositados, os judeus sediciosos assassinaram oito mil e quatrocentos membros de sua própria nação, e depois saquearam suas propriedades. Um número prodigioso de desertores, também, que escaparam dos tiranos e fugiram para o acampamento inimigo, foram mortos. Os soldados, entretanto, finalmente, cansados de matar e fartos do sangue que haviam derramado, empunharam suas espadas e procuraram satisfazer a avareza. Com esse propósito, eles pegaram os judeus, junto com suas esposas e famílias, e os venderam publicamente, como gado no

“As fontes”, disse ele, “fluem copiosamente para Tito, que para você se secaram; pois, antes que ele viesse, você sabe que tanto Siloé secou, como todas as fontes fora da cidade, de modo que a água foi comprada pela ânfora [um vaso contendo cerca de sete galões]; mas agora eles são tão abundantes para seus inimigos, que bastam, não apenas para eles e seu gado, mas também para seus jardins. Esta maravilha você também experimentou anteriormente quando o rei dos babilônios colocou cerco à sua cidade”.

mercado, mas em muitas multidões foram expostos à venda, enquanto os compradores eram poucos em número. Então, foram cumpridas as palavras de Moisés: “e sereis vendidos como escravos e escravas aos vossos inimigos; mas não haverá quem vos compre” (Deuteronômio 28:68).

Os romanos, tendo se tornado senhores da cidade baixa, incendiaram-na. Os judeus, então, fugiram para a cidade alta, de onde, com seu orgulho e insolência ainda inabaláveis, continuaram a exasperar seus inimigos e até pareceram ver o incêndio da cidade baixa como sinais de prazer. Em pouco tempo, porém, as paredes da cidade alta foram demolidas pelas máquinas romanas e os judeus, ultimamente tão arrogantes e presunçosos agora, tremendo e em pânico, caíram em seus rostos e deploraram seu próprio entusiasmo. Os que estavam nas torres, considerados inexpugnáveis à força humana, além da medida assustados, estranhamente os abandonaram e buscaram refúgio em cavernas e passagens subterrâneas; em que não menos que dois mil cadáveres foram encontrados posteriormente. Assim, como nosso Senhor havia predito, essas criaturas miseráveis, de fato, disseram para as montanhas, “Caí sobre nós”; e para as rochas, “Cubra-nos” (Lucas 23:20). Estando as muralhas da cidade agora completamente de posse dos romanos, eles içaram suas cores nas torres e irromperam nas mais triunfantes aclamações. Depois disso, todo o aborrecimento dos judeus chegou ao fim, os soldados deram uma licença desenfreada à sua fúria contra os habitantes. Eles primeiro saquearam e depois incendiaram as casas. Eles percorreram as ruas com espadas desembainhadas nas mãos, assassinando todos os judeus que encontravam, sem distinção; até que por fim, os corpos dos mortos obstruíram todos os becos e passagens estreitas enquanto seu sangue literalmente corria pelos canais da cidade em riachos. Ao cair da noite, os soldados trocaram a espada pela tocha e, em meio à escuridão desta noite terrível, atearam fogo às restantes divisões do local. O frasco da ira divina, que há tanto tempo estava enchendo sobre esta cidade devotada, estava agora sendo derramada, e JERUSALÉM, outrora “um louvor em toda a terra”, e objeto de mil profecias, privada do “cajado

da vida”, envolta em chamas, e sangrando por todos os lados, mergulhada em total ruína e desolação. Este cerco memorável terminou no oitavo dia do nono mês, em 70 d.C.: Sua duração foi de quase cinco meses, os romanos tendo investido a cidade no décimo quarto dia do quarto mês anterior.

Antes de sua demolição final, no entanto, Tito fez um levantamento da cidade e suas fortificações; e, enquanto contemplava sua força inexpugnável, não podia deixar de atribuir seu sucesso à peculiar interposição do próprio Todo Poderoso. “Se o próprio Deus (exclamou) não tivesse ajudado nas operações e expulsado os judeus de suas fortalezas, teria sido absolutamente impossível tomá-los; pois o que os homens e a força das máquinas poderiam ter feito contra torres como essas?” Depois disso, ele ordenou que a cidade fosse arrasada até os alicerces, com exceção apenas das três torres elevadas - Hipocos, Phasael e Mariamne - que ele permitiu que permanecessem como evidências de sua força e como troféus de sua vitória. Ficou de pé, também, uma pequena parte da parede oeste; como uma muralha para uma guarnição, para manter a região circundante sob submissão. Tito, então, deu ordens para que apenas os judeus que resistissem fossem mortos; mas os soldados, igualmente desprovidos de piedade e remorso, mataram até os enfermos e os idosos. Os ladrões e os sediciosos foram todos punidos com a morte: os mais altos e belos jovens, junto com vários dos nobres judeus, foram reservados por Tito para agraciar sua entrada triunfal em Roma. Após essa seleção, todos com mais de dezessete anos foram enviados acorrentados ao Egito, para serem empregados lá como escravos ou distribuídos por todo o império para serem sacrificados como gladiadores nos anfiteatros; enquanto os menores de idade foram expostos à venda.

Durante o tempo em que essas coisas foram negociadas, onze mil judeus, guardados por um dos generais, chamado Fronto, morreram de fome literalmente. Esta ocorrência melancólica aconteceu em parte devido à escassez de provisões e em parte devido à sua própria obstinação e negligência dos romanos.

Dos judeus destruídos durante o cerco, Josefo calcula não menos de UM MILHÃO E CEM MIL, aos quais devem ser adicionados, mais de DUZENTOS E TRINTA E SETE MIL que morreram em outros lugares, e inúmeras multidões que foram varridas pela fome, e peste, e dos quais nenhum cálculo poderia ser feito. Não menos de dois mil impuseram violência contra si próprios. Dos cativos, o todo era cerca de NOVENTA E SETE MIL. Dos dois grandes líderes dos judeus, que haviam sido feitos prisioneiros, João foi condenado a uma masmorra pelo resto da vida; enquanto Simão em triunfo a Roma foi açoitado e condenado à morte como um malfeitor.

Ao executar o comando de Tito, relativo à demolição de Jerusalém, os soldados romanos não só derrubaram os prédios, mas até mesmo cavaram seus alicerces, e arrasaram de tal forma todo o circuito da cidade, que um estranho mal saberia que um dia foi habitada por seres humanos. Assim esta grande cidade, que apenas cinco meses antes, tinha sido apinhada com quase dois milhões de pessoas, que se gloriavam em sua força inexpugnável, estava totalmente despovoada e nivelada ao solo. E assim, foi a predição de nosso Senhor, que seus inimigos deveriam “derrubá-la no chão” e “não deveriam deixar nela pedra sobre pedra” (Lucas 19:44) impressionante e totalmente cumprida. Este fato é confirmado por Eusébio, que afirma ter visto a cidade em ruínas; e Josefo apresenta Eleazar exclamando: “Onde está nossa grande cidade, que, acreditava-se, que DEUS habitava? Ela está totalmente arraigada e arrancada de seus alicerces; e o único monumento que resta, é o acampamento de seus destruidores montado no meio de suas relíquias!”

A respeito do Templo, nosso Senhor predisse, particularmente, que, não obstante suas dimensões maravilhosas, não deveria “ser deixada pedra sobre pedra que não deva ser derrubada”; e, conseqüentemente, é registrado, no Talmud, e por Maimonides, que Terentius Rufus, capitão do exército de Tito, arrou absolutamente as fundações do Templo com uma relha de arado. Assim, foi literalmente cumprida

aquela profecia de Miquéias: “Portanto, Sião, por vossa causa (isto é, por vossa maldade), será arada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões, e o monte da casa do Senhor como os lugares altos da floresta” (Miquéias 3:12).

Assim, foram terrivelmente completas, além do exemplo, as calamidades que se abateram sobre a nação judaica, e especialmente a cidade de Jerusalém. Com verdade, então, nosso Senhor declarou, que deveria haver “grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo, nem nunca haverá!” (Mateus 24:21). Tal era a predição: a linguagem com que Josefo declara seu cumprimento é uma contraparte exata a ele: “Se as desgraças”, diz ele, “de todas as nações, desde o início do mundo, fossem comparados com aqueles que aconteceram aos judeus, eles pareceriam muito menos em comparação”; e novamente, “Nenhuma outra cidade jamais sofreu tal coisa, como nenhuma outra geração, desde o princípio do mundo, foi mais fecunda em iniquidade”. Estes foram, de fato, “os dias da vingança, para que todas as coisas que estão escritas (especialmente por Moisés, Joel e Daniel) pudessem ser realizadas” (Lucas 21:22). Nem mesmo agora as calamidades desta nação malfadada terminaram; pois ainda havia outros lugares para subjugar; e nosso SENHOR havia assim predito: “Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias” (Mateus 24:28). Após a destruição de Jerusalém, mil e setecentos judeus que se renderam em Macherus foram mortos, e de fugitivos não inferiores a três mil no bosque dos Jardes. Tendo Tito marchado com seu exército para Cesaréia, ele lá, com grande esplendor, celebrou o dia do nascimento de seu irmão Domiciano; e de acordo com a maneira bárbara daquela época, puniu muitos judeus em sua homenagem. O número dos que foram queimados e que caíram lutando com feras e em combates mútuos ultrapassou dois mil e quinhentos. No cerco de Massada, Eleazar, o comandante, instigou a guarnição a queimar suas provisões e a destruir primeiro as mulheres, crianças e depois a si mesmos. Por mais terrível que seja de se relacionar, esse design horrível foi executado. Estavam em número de novecentos e sessenta. Dez foram escolhidos para realizar o trabalho sangrento: o resto sentou-se

“no chão”, e abraçando suas esposas e filhos esticou o pescoço para receber o golpe da espada: um foi posteriormente designado para destruir os nove restantes e, então, ele mesmo. O sobrevivente, quando olhou em volta para ver que todos estavam mortos, ateou fogo ao lugar e colocou a espada em seu próprio peito. No entanto, duas mulheres e cinco crianças se esconderam com sucesso e testemunharam toda a transação. Quando os romanos avançaram para o ataque pela manhã, uma das mulheres deu-lhes um relato distinto deste caso melancólico e os surpreendeu com o espanto desprezo pela morte que havia sido demonstrado pelos judeus. Após este evento, se não fosse a insurreição transitória dos sicários, sob Jônatas, cessaria toda a oposição por parte dos judeus em todos os lugares. Foi a submissão da impotência e do desespero. A paz que se seguiu foi o efeito da mais terrível necessidade. O rico território da Judeia foi convertido em um deserto desolado. Em todos os lugares, ruína e desolação se apresentavam ao passageiro solitário, e um silêncio melancólico e mortal reinava sobre toda a região.

A condição triste e desolada da Judeia, neste momento, é exatamente descrita pelo profeta Isaías, em sua seguinte profecia: “Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada. E, o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo” (Isaías 6:11-12).

A catástrofe que agora foi revista não pode deixar de ser considerada uma das mais extraordinárias que aconteceram desde a fundação do mundo; e como agradou ao Todo-Poderoso torná-lo o assunto de uma grande proporção das profecias tanto das Escrituras Judaicas como das Cristãs, Ele ordenou que os eventos particulares que as realizaram fossem registrados, com precisão notável e por um homem singularmente preservado, qualificado e dotado de condições para esse propósito¹⁴. Mas, com respeito a este último ponto, ele falará por si mesmo: “No início”, diz Josefo, “lutei contra os romanos, mas depois

¹⁴ Três vezes sua vida foi preservada como por um milagre.

fui forçado a estar presente no acampamento romano. Na época, eu me rendi, Vespasiano e Tito me manteve preso para atendê-los continuamente. Posteriormente, fui posto em liberdade e acompanhei Tito quando veio de Alexandria para o cerco de Jerusalém. Durante esse tempo, nada foi feito que escapasse ao meu conhecimento. O que aconteceu no acampamento romano, eu vi e anotei cuidadosamente. Quanto às informações que os desertores traziam da cidade, eu era o único homem que as entendia. Depois, tive lazer em Roma; e quando todos os meus materiais foram preparados, procurei a ajuda de alguém para escrever em grego. Assim, compus a história dessas transações e apelei tanto a Tito quanto a Vespasiano para saber a verdade; ao qual também Júlio Arquelau, Herodes e o rei Agripa deram seu testemunho”. Todas as observações aqui são desnecessárias; mas não deve ser esquecido, que Josefo era um judeu, obstinadamente apegado à sua religião; e que, embora ele tenha circunstancialmente relacionado todos os eventos notáveis daquele período, ele parece ter cuidadosamente evitado aqueles que fizeram qualquer referência a JESUS CRISTO, cuja história, e mesmo a autenticidade disso é contestada, ele resume em cerca de doze linhas. Ninguém, portanto, pode razoavelmente entreter a suspeita de que o serviço que ele prestou ao Cristianismo, por sua narrativa das transações da guerra judaica, foi em absoluto efeito de desígnio. A fidelidade de Josefo, como historiador, é, de fato, universalmente admitida; e Scaliger até mesmo afirma que, não apenas nos assuntos dos judeus, mas também nos de nações estrangeiras, ele merece mais crédito do que todos os escritores gregos e romanos juntos.

Nem é o caráter peculiar de Tito, o comandante-chefe desta guerra, indigno de nossa consideração particular. Vespasiano, seu pai, havia saído da obscuridade e foi eleito imperador, ao contrário de sua inclinação declarada, sobre o início do conflito; e assim o comando principal recaiu sobre Tito, o homem mais improvável de todos os exércitos romanos para se tornar um flagelo para Jerusalém. Ele se distinguiu eminentemente por sua grande ternura e humanidade, que exibiu em uma variedade de instâncias durante o cerco. Ele

repetidamente fez aberturas pacíficas aos judeus e lamentou profundamente sua obstinação. Em suma, ele fez tudo o que um comandante militar poderia fazer para poupá-los e preservar sua cidade e templo, mas sem efeito. Assim, foi a vontade de Deus realizada pela agência, embora contrária ao desejo, de Tito; e sua predita interposição, para punir seu povo rebelde e apóstata, desta forma tornada mais conspicuamente evidente.

A história dos judeus, posteriormente ao tempo de Josefo, ainda corrobora a verdade das profecias de nosso Salvador a respeito daquele povo oprimido e perseguido. Nessa investigação, entretanto, os limites do presente ensaio não nos permitirão entrar em particular. Nosso Senhor predisse, geralmente, que eles deveriam “cair ao fio da espada e ser levados cativos para todas as nações” (Lucas 21:24).

Conclusão

Passaremos agora a responder a duas ou três objeções que podem ser temerariamente opostas ao argumento inexpugnável que o relato precedente fornece em defesa de nossa religião.

1. Pode-se alegar que as profecias, cujo cumprimento foi demonstrado, não foram escritas até depois dos eventos a que se referem. A asserção não é prova; e mesmo uma conjectura nesse sentido, em face do testemunho histórico e do sentimento geral, seria ridículo. Com base na fé, então, de toda a antiguidade, afirmamos que os livros das Escrituras, contendo essas predições, foram escritos antes da destruição de Jerusalém, e confirmamos essa afirmação por meio de provas particulares.
2. Se for objetado, que, embora as narrativas possam ser escritas e publicadas antes da destruição de Jerusalém, as predições relativas a esse evento podem ser interpolações subsequentes; respondemos que isso não pode deixar de ser considerado uma suposição absurda, porque essas previsões não se limitam aos capítulos particulares aos quais nos referimos, mas estão intimamente e inseparavelmente entrelaçadas com a textura geral da história - devido ao caráter do estilo, que é uniforme - porque não há alusão, em conformidade com a prática dos historiadores sagrados, ao cumprimento dessas profecias (Atos 11:28). E por último, porque “nenhum incrédulo dos tempos primitivos, seja judeu ou gentio, quando pressionado, como ambos frequentemente eram, por esta profecia, parece ter recorrido à acusação de falsificação ou interpolação”. Pode-se

acrescentar também que, nos tempos modernos, nenhum descrente ilustre (nem mesmo os infieis Voltaire e Gibbon) teve a temeridade de insinuar uma acusação dessa natureza.

3. Pode ser alegado, que a realização de previsões de nosso Senhor em relação à destruição de Jerusalém, não deve ser considerada sobrenatural, na medida em que as angústias de todas as grandes cidades, durante um cerco, são semelhantes, e porque é provável que, vez ou outra, tal deveria ser o destino de cada cidade nesta magnitude; e que, visto que a obstinação dos judeus era grande e suas fortificações potentes, quando a guerra viesse, era mais provável que Jerusalém sofresse sob essa forma mais do que qualquer outra.

Em resposta a esta objeção, observamos que não foi apenas predito que Jerusalém seria destruída, mas que seria destruída pelos romanos: e assim foi. Mas, foi um evento provável? Quando nosso Senhor deu suas predições, a Judeia já estava completamente em suas mãos. Era provável que fosse desolado por seus próprios mestres? Mais uma vez, era provável que esta pequena província fosse provocar a ira e desafiar o poder do império universal? Ou seria de se supor que a dona do mundo, irresistível a todas as nações, em vez de controlar, deveria considerar totalmente digno dela exterminar um estado comparativamente tão insignificante? Ou, estava de acordo com a disposição ou costume dos romanos, como os godos, demolir edifícios famosos por sua antiguidade e magnificência? Em vez disso, não era de se esperar que os preservassem, para manter a fama e a glória de seu império? Não obstante, como vimos, eles os destruíram, e até mesmo o ilustre Templo de Jerusalém, o principal ornamento da Ásia e a maravilha do mundo. Mas, foi predito que “assim deve ser”; e portanto o próprio Tito, com toda a sua autoridade e esforços, não conseguiu preservá-lo.

4. Se esta profecia fosse atribuída à sagacidade política, perguntaríamos, na suposição do incrédulo, como aconteceu que o Filho de um Carpinteiro, vivendo quase a totalidade de sua vida em privacidade, associado aos pobres, sem acesso aos conselhos dos príncipes ou a sociedade dos grandes, deveria possuir um grau de discernimento político que nenhum estadista consideraria menos do que tolice reivindicar? Além disso, como ele pode prever a ruína de seu próprio país, e por isso mesmo, quando todos os seus compatriotas voltaram os olhos para um Libertador, que deveria restaurar a soberania, consolidar seu poder e estender seus limites e sua fama? E por fim, como ele chegou a conceber, muito mais estimar, tal ideia, diametralmente contrária a todos os seus preconceitos teimosos e arraigados como um judeu?

Assim, percebemos que as próprias objeções que os incrédulos propõem ao nosso argumento, em vez de invalidá-lo, tendem apenas a ilustrá-lo e confirmá-lo mais plenamente.

Vamos, então, se realmente somos cristãos, oferecer nossos agradecimentos ao Todo Poderoso, que estabeleceu um fundamento tão firme para a nossa fé. Exultemos na certeza inviolável da Palavra Sagrada, viz. CRISTO (João 1), e asseguremo-nos de que suas promessas são tão infalíveis quanto suas predições: Para “testemunho” dentro de nós (1ª João 5:10) e para um conhecimento da excelência interior do evangelho, trabalhemos para adicionar um conhecimento mais perfeito da evidência histórica e moral que o defende; para que assim possamos estar mais bem qualificados para convencer os contestadores.

Se somos cristãos apenas no nome, recebamos uma advertência salutar daquela vingança exemplar que foi infligida pelo TODO-PODEROSO a toda a nação judaica; que, enquanto “eles professavam que eles conheciam a Deus, em obras negou-Lhe”; e enquanto eles se gabavam de ser seu povo peculiar, permaneceram “estranhos ao pacto

da promessa”. Vamos também refletir seriamente, que ser judeu não era aquele que era apenas “exteriormente”, “apenas na letra”, e de quem louvor era de homens - então agora, da mesma maneira, só é um cristão quem o é “interiormente”, cuja religião está assentada no coração; “no espírito e não na letra”; cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus” (Romanos 2:28-29).

Que o descrente, ou o professo deísta, para cujo benefício, principalmente, essas páginas foram escritas, pondere seriamente seu conteúdo. Pode ser apropriado afirmar que a fé que desejamos que ele possua não é meramente uma admissão sobre a evidência de que “toda a Escritura é dada por inspiração de Deus” (que, sozinha, não tem valor mais alto do que a fé) mas como um PRINCÍPIO VITAL, ATIVO, UMA FÉ que purificará o coração; “que” atua por amor que o capacitará a “lutar o bom combate”, “vencer o mundo” e obter “uma coroa de vida”, e uma “herança corruptível no Céu”.

Obras importantes para pesquisa



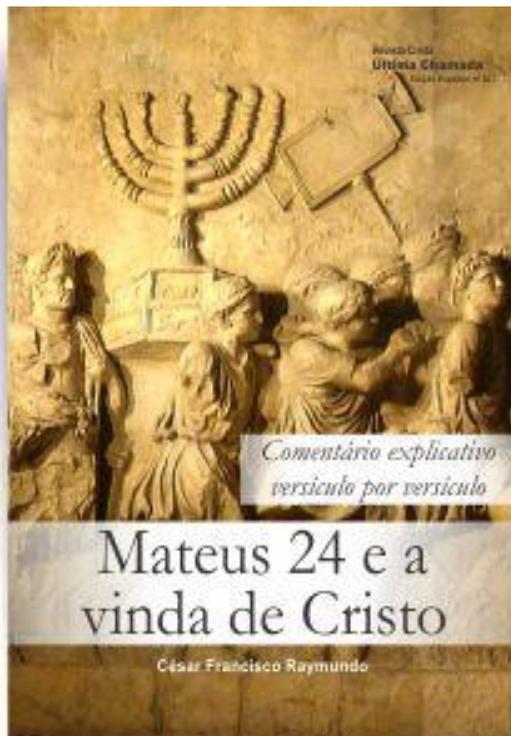
Imagine um guia simples, prático e objetivo sobre o qual um leigo possa ser iniciado no Preterismo? Esta é a proposta do e-book "Guia para iniciantes do Preterismo" escrito por Gary DeMar.

Neste e-book, o leitor encontrará um texto altamente elucidativo, notas explicativas, ilustrações e um entendimento geral sobre o que é a profecia bíblica e o Apocalipse. Também possui uma lista de grandes obras para consulta para aprofundamento no Preterismo.

Este e-book é altamente recomendado e é leitura obrigatória para aqueles que desejam iniciar seus conhecimentos para entender o Preterismo.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_guia_para-iniciantes_do_preterismo.html



.A maioria de todo o discurso atual sobre o fim do mundo e a vinda de Cristo é retirado de Mateus capítulo 24. É neste capítulo que Cristo falou dos oito sinais de sua "vinda", tais como guerras, rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos, evangelho sendo pregado em todas as nações e o amor se esfriando.

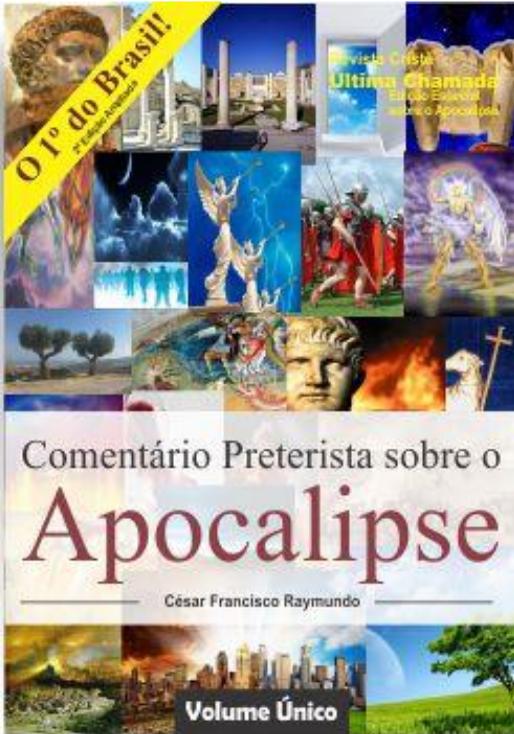
O problema é que nem sempre os cristãos acreditaram que Mateus 24 seja uma referência ao fim do mundo e a vinda de Cristo.

Pelo contrário, Mateus 24 fala não sobre o fim do mundo físico, mas sobre o fim da era judaica e a destruição do templo e Jerusalém e sobre a vinda de Jesus em julgamento contra Israel, eventos estes que ocorreram no ano 70 d.C. quando muitos discípulos ainda estavam vivos.

Nesse e-book o leitor terá um estudo detalhado e um comentário versículo por versículo sobre o que Jesus de fato ensinou em Mateus 24.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html



É com satisfação que apresentamos o primeiro e mais completo Comentário Preterista sobre o Apocalipse nunca antes publicado no Brasil. Nunca antes na história do país tivemos um comentário completo sobre o Apocalipse do ponto de vista preterista. Nele são comentados todos os 404 versículos do Apocalipse.

Este comentário é composto de Introdução, Evidências Internas e Externas sobre a data do Apocalipse, além de que é comentado minuciosa, exegética, histórica e gramaticalmente cada capítulo do Apocalipse. São mais de 500 páginas com conteúdo espiritualmente enriquecedor.

É um fato inédito que pela primeira vez vamos ter uma literatura que combata o que erroneamente tem sido ensinado sobre o Apocalipse nos últimos dois séculos. Sem ficção, sem fantasia e com muita base firmada em Cristo é que preparamos essa obra.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html